

## Literatura fantástica na atualidade: do terror ao humor

Mariane Rocha Silveira  
UPF  
Talita Maria da Silva  
UPF

Século XVIII: Drácula, o Filho das Trevas, faz tremer toda uma geração, desperta os mais profundos sentimentos de terror, povoa o imaginário das pessoas assombrando-as, sua lendária crueldade percorre o mundo e todos passam a temer o poderoso Príncipe da Noite que se alimenta do sangue dos inocentes.

Século XXI: Drácula, o Filho das Trevas, faz sorrir o menino em frente ao computador, já não desperta terror, mas simpatia; sua história antes tão sombria ganha o colorido das telas e das páginas do gibi. O que terá acontecido com tamanha crueldade? Quem terá sido tão poderoso a ponto de transformar um dos seres mais temíveis da Literatura Fantástica em um vampirinho simpático chamado carinhosamente de “Zé”? Eis o que será abordado nas próximas páginas; antes, situaremos de forma breve os aspectos teóricos e históricos do gênero fantástico ao qual pertence (ou pertencia) a personagem Drácula.

Segundo Tzvetan Todorov, um dos maiores estudiosos deste gênero, em *Introdução à literatura fantástica*, o Fantástico define-se como sendo “a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 1975, p. 31). Hesitação esta que deixa o leitor inquieto perante a situação na narrativa, não tendo certeza da veracidade daquilo que presenciou (leu), pois está acostumado, baseando-se na razão, a explicar (e entender) todos os fatos. No entanto, uma explicação mais simples a respeito dos fenômenos sobrenaturais que “invadem” a narrativa só pode ser dada se ignoradas algumas evidências que conferem verdade.

Traços do que posteriormente seria designado como gênero fantástico podem ser encontrados em narrativas de todos os tempos, uma vez que sua principal característica é a presença de seres e fatos de cunho sobrenatural,

que já aparecem nas lendas mais remotas, nos contos de fadas, epopéias e, por que não, na própria Bíblia.

A denominação do gênero “Literatura Fantástica” data de 1770, aproximadamente, quando do surgimento da obra *O demônio apaixonado* de Jacques Cazotte, na França, em meio ao Iluminismo. Temos nesse período um quadro de intensas mudanças na sociedade, especialmente no que se refere à ciência e a formação das classes, e de grandes descobertas científicas, que tornam o homem mais dono do seu destino e menos dependente dos poderes divinos. A revolução industrial faz surgir a classe operária e, com ela, uma classe marginalizada, que sofre com os problemas desse novo mundo que começa a surgir, tais como doenças, epidemias e fome. O crescimento demográfico em ritmo frenético força, mais do que nunca, a que a população tenha de sobreviver em condições miseráveis.

Os seres fantásticos exercem uma função de refúgio, uma vez que o leitor, ao entrar para o mundo do fantástico, vivencia outros medos, aplaca os seus, que são reais e, assim, pelo menos enquanto durar a leitura, pode refugiar-se em um mundo que, embora assustador, parece-lhe muito mais fascinante.

A literatura fantástica propriamente dita afirma-se nesse período de conturbações sociais que coloca a sociedade em um constante estado de expectativa e sobressaltos frente a fatos nunca antes pensados, momento em que “os olhares das pessoas não se cruzam e as almas não se entregam” (SANTAELLA, 2004, p.26). Tal contexto afeta, também, o imaginário das pessoas desta sociedade, que passam a observar a realidade através de uma linha tênue e oscilante entre o real e o irreal, tornando o ambiente propício ao desenvolvimento do fantástico, já que “a hesitação do leitor é pois a primeira condição do fantástico” (TODOROV, 1975, p.37) . Assim, um novo mundo ficcional de escuridão, maldições, vampiros, demônios, monstros de todas as espécies e muito terror passa a co-existir através da literatura com o mundo real dos séculos XVIII e XIX.

No caso de *Drácula*, de Bram Stoker (1897), o personagem Jonathan Harker começa a sentir, assim como o leitor, uma atmosfera diferente, preparatória para o desenrolar da trama. Na primeira noite na cidade, antes da chegada ao castelo, tem um sonho estranho e não tem certeza de que ele

tenha sido causado pelo fato de um cão ter uivado a noite inteira embaixo da janela ou pela forte comida local. Mais perto da cidade de Drácula, hospeda-se em um hotel de família e, quando pergunta a respeito do conde, o casal proprietário finge que não o entende, entreolhando-se. Personagem e leitor ficam à margem e frágeis frente ao que lhes espera, acontecimentos que parecem não ser desejados pelos outros personagens, que tentam a todo custo evitar que se realizem, num gesto de proteção perante o desconhecimento do outro.

Após, Jonathan é conduzido ao castelo do conde por uma sinistra carruagem e, chegando lá, tanto o próprio personagem quanto o leitor são literalmente convidados a entrar não só no castelo e no que ele tem de misterioso, mas em uma surpreendente e inquietante narrativa. Nesse ponto de vista, há dois casos específicos quanto à hesitação: do leitor que “vê” e do personagem que está na ação; no entanto, em alguns momentos, a narrativa provoca tal envolvimento que se tem a sensação de estar dentro da história, vivendo e sentindo cada instante. É o que afirma Todorov: “O fantástico implica, pois uma integração do leitor no mundo das personagens; define-se pela percepção ambígua que tem o próprio leitor dos acontecimentos narrados” (TODOROV, 1992, p.37).

Desse modo, podemos pensar que a narrativa fantástica relaciona-se diretamente ao contexto sócio-histórico em que está inserida, refletindo seus problemas e seus tabus ao utilizar a literatura para tocar em determinadas “feridas sociais”, em certos limites impenetráveis que, de outra forma, não seriam atingidos, o que pode ser observado, por exemplo, no “monstro” que pode ou não assustar em épocas e sociedades distintas.

Vampiros, fantasmas, monstros criados em laboratório permanecem presentes nas histórias do século XXI, mas agora recriados sob as facetas de uma sociedade que parece já ter visto e vivido de tudo e que, por isso, não possui o mesmo estranhamento e a mesma hesitação frente ao sobrenatural, que também tem seu conceito posto em dúvida frente à nova realidade.

O temido Conde Drácula também teve sua figura afetada por novos perfis dados pela sociedade atual, que não vê mais os vampiros como seres que causam medo e horror, mas como figuras de escárnio e humor.

A própria evolução tecnológica e os avanços científicos contribuíram nessa desmistificação. Mas a verdade é que o ser poderoso que ocasionou esse processo foi o leitor, uma vez que as mudanças na sociedade não transformariam Drácula sem antes transformar quem o observa.

O leitor da época do surgimento de Drácula, entre as muitas questões científicas de seu tempo, espantava-se frente às recentes experiências de transfusão de sangue, tidas como criminosas e diabólicas, de forma que não há como não relacionar o medo da população em relação a isso com o medo sentido pelo ser das trevas que sugava o sangue dos inocentes. Esse é um dos pontos que já não pode mais ser considerado na atualidade. Além disso, e infelizmente, as crueldades do Conde perdem esse caráter se comparadas às crueldades reais de nossa sociedade no século XXI, que são muito mais horrendas e, de tão comuns, praticamente não nos chocam mais.

Sendo assim, a tentativa de Drácula de causar medo torna-se inválida, e o personagem passa a ganhar novos contornos em suas recriações, transformando-se, inclusive, em personagem de histórias infantis, nas quais, apesar de continuar sob a forma de um ser sobrenatural, perde o maior traço do gênero fantástico, descrito por Todorov como “hesitação” – não há mais o medo, o assombro, o que há agora é o humor, o caráter de diversão e até mesmo um quê de protecionismo, ligado ao fato de que hoje os pais já não querem mais assombrar os filhos como outrora, ao contrário, querem que sejam destemidos, qualidade fundamental para um cidadão do século XXI.

Um exemplo disso é o personagem Zé Vampir, membro da Turma da Mônica, criado por Mauricio de Souza. O vampirinho possui traços que podem tranquilamente ser pensados como uma releitura do Conde Drácula, pois mantém aspectos semelhantes a este, principalmente no que se refere à fisionomia, roupas e hábitos, e, por outro lado, difere do vampiro original, porque “Zé” é criança, mora em um cemitério junto com outros seres fantásticos e não em um castelo e, principalmente, porque possui feições alegres e simpáticas, muito diferentes do rosto assustador do Conde Drácula. No site da *Turma da Mônica*, o personagem é descrito como

o menino vampiro do cemitério do Penadinho foi buscar inspiração nos elegantes vampiros do cinema para sua

roupinha de festa, e de vez em quando vira um morceguinho e sai por aí assustando todo mundo, fingindo que quer sangue. Mas não leva o apetite às últimas conseqüências. (acesso em 16 maio 2008)

Tais alterações são justificáveis, pois, conforme Pedro Cerrillo, tanto a literatura dita adulta quanto a infantil e juvenil “se dejan sentir muchas de las transformaciones y novedades que son fruto de una época y de la sociedad de la misma” (CERRILLO, 2005, p.19).

Assim, a história a seguir, extraída do “Almanaque da Magali” (jun. 2007) representa bem a situação enfrentada pelos personagens vampirescos na atualidade.



Nos primeiros quadrinhos da história, o narrador apresenta a personagem como se anunciasse um ser terrível: “filho das trevas, espírito da noite, habitante das sombras”, inclusive dizendo que não compreende como um ser tão aterrorizante pode aparecer em histórias infantis. No entanto, as ilustrações nos apresentam a imagem de um vampiro que, apesar de querer parecer ser mau e assustador, parece-nos muito agradável. A aparência, como já dissemos anteriormente, assemelha-se a seu precursor, especialmente no vestuário, no tom da pele e nos cabelos. No entanto, o próprio nome da personagem já auxilia na desmistificação, uma vez que “Drácula”, além de ser um nome raro (como os supostos vampiros), possui uma sonoridade forte e que combina com o perfil macabro da personagem que nomeia, enquanto que “Zé” é um nome do trato comum, que pode inclusive denominar qualquer pessoa.

A seqüência da história nos mostra a personagem em busca de vítimas para se alimentar; no entanto, ao invés de assombrá-las, ele é que é posto

“para correr” por suas vítimas, que o afugentam com os elementos “consagrados” como anti-vampiro ou até mesmo pela força física, demonstrando a fragilidade que possuem os seres fantásticos nos dias de hoje.

Continuando a história, Zé Vampir, sentindo fome, sai à procura de comida e, no caminho, encontra um padre que utiliza a cruz não como símbolo poderoso de uma força divina que afugenta criaturas do mal, mas como um instrumento para bater, fazendo com que a personagem fuja. Segundo Marcos Baliero, no site Mauzoleum (acesso em 11 maio 2008), atualmente há uma tendência de humanização dos vampiros e uma desvinculação dos aspectos ligados às questões religiosas, sendo que um dos aspectos que desaparece nas versões modernas é a destruição do ser vampírico através de elementos sagrados. Dessa forma, a passagem do encontro de Zé Vampir com o Drácula vem reforçar essa hipótese levantada por Baliero e que também já pode ser observada no cinema.



Após, ao encontrar um restaurante, e não uma vítima em potencial como seria na história do Conde Drácula, finalmente Zé liberta seus instintos vampíricos, mas é mais uma vez atacado, dessa vez por uma sopa de alho que, quem diria, não lhe causa nada de grave como outrora, apenas o deixa “irritado”.



Continuando à procura por alimento, encontra uma velhinha “indefesa” – reflexo da longevidade dos idosos do século XXI e da necessidade de se defender da violência – que o ataca com golpes de luta marcial, reafirmando mais uma vez a questão da fragilidade e da humanização dos seres fantásticos.



Arrasado, mas ainda com fome, Zé, já provocando o sentimento de piedade (e não medo) no leitor, questiona-se a respeito de sua falta de sorte e do que mais poderia acontecer.



E que momento inoportuno para tais dúvidas, pois, para complementar a tragédia, Zé Vampir é atropelado por uma ambulância, que o recolhe e o leva para um hospital.

A partir desse momento, a história encaminha-se para um final inesperado e hilário, que irá retomar a questão daquela sociedade que temia o Conde Drácula. Zé Vampir, após várias tentativas frustradas de conseguir alimento, acaba chegando a um hospital onde é submetido a transfusões de sangue, o que, é claro, deixa-o muito contente, pois finalmente consegue o que procurava: sangue.



Tal desfecho torna-se muito interessante se pensarmos que antigamente o medo de vampiros era uma alegoria do medo da população em relação às experiências de transfusões. Com as transformações sociais, os próprios vampiros acabaram cedendo à evolução científica e, em vez de atacarem suas vítimas para beber-lhes o sangue, passam também a usufruir das novas tecnologias. Isso é possível porque o próprio leitor já se adaptou a essas inovações e porque tanto Drácula quanto Zé Vampir são personagens que só existem se houver um leitor que lhes dedique o olhar e que correspondam às expectativas e experiências desse leitor, que no caso do Zé, é um leitor infantil, assim como a personagem.

## Referências

CERRILLO, Pedro C. Lo literario y lo infantil: concepto y caracterización de la literatura infantil. In: RETTENMAIER, Miguel; Rösing, Tania. *Questões de literatura para jovens*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço*. O perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SOUZA, Maurício de. Zé Vampir em A hora do vampiro. *Almanaque da Magali*. Rio de Janeiro, n.3, p. 45-48, jun.2007.

STOKER, Bram. *Drácula*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

BALIEIRO, Marcos. *O Vampiro na Literatura Gótica: Ontem e Hoje*. Disponível em: < <http://www.themaozoleum.com/phoenix/delta1.html>. Acesso em: 11 maio 2008.



Souza, Mauricio. Personagem Zé Vampir. Disponível em: <http://www.monica.com.br/personag/turma/zevampir.htm>. Acesso em: 16 maio 2008.